

## OS PERDEDORES SURPRESOS! O PAPEL DAS EXPECTATIVAS ELEITORAIS NA VIOLÊNCIA PÓS-ELEITORAL; OS EFEITOS DA EXPOSIÇÃO À MÍDIA NA SATISFAÇÃO PARA COM A DEMOCRACIA

Egídio G. Vaz Raposo, Historiador, Consultor de Comunicação

egidiovaz@egidiovaz.com | www.egidiovaz.com

O título é uma adaptação do mais recente texto do Professor Barry A. Hollander, Professor de Jornalismo da Universidade de Georgia, Athens, estado da Georgia nos EUA, “The surprised loser: the role of electoral expectations and news media exposure in satisfaction with democracy”, inserto na mais recente edição da revista científica *Journalism and mass communication quarterly, rethinking audiences, motivations and responses, vol 91, nr 4, inverno, 2014* da Associação Americana de Pesquisadores e Educadores em Comunicação de Massa e Jornalismo, AEJMC.

Em épocas eleitorais, as pessoas tendem a prever a vitória dos seus candidatos. Tal como em qualquer jogo, das eleições saem vencedores e vencidos. Muitas vezes, os perdedores não se conformam com os resultados, surpreendendo-se com os resultados e o desempenho dos seus partidos ou candidatos, tornando-se assim em “perdedores surpresos”.

O que faz com que um indivíduo ache que o seu candidato é que será o vencedor das eleições? O que faz acreditar os eleitores de diferentes partidos ou seguidores de candidatos concorrentes na vitória certa das suas preferências?

Quando os primeiros resultados das eleições gerais de 2014 começaram a ser projectados na noite do dia 15 de Outubro e manhã do dia 16, as reacções dos analistas partidários eram irreconciliáveis. Para os analistas orientados para a Frelimo, a vitória era certa e que o seu candidato apenas provava com aqueles resultados que era o inquestionável<sup>1</sup>. Para os analistas inclinados para a oposição, os resultados não espelhavam a totalidade dos votos, pelo que devia esperar-se até que todo o processo terminasse. Outros ainda avançavam na vitória retumbante do líder da oposição.

Mesmo antes do dia eleitoral, o debate eleitoral centrou-se em determinado momento na aderência dos populares aos comícios dos principais candidatos. Os partidários e fazedores da opinião pública acreditavam que o nível de aderência aos comícios era também um grande indicador da popularidade do candidato e das suas mensagens que certamente se reflectiriam nas urnas.

Em eleições, quando as pessoas começam a projectar vencedores, elas fazem-no baseando-se simplesmente em suas preferências. Esta ligação preferência-expectativa é em inglês conhecida por “wishful thinking”, que traduzido literalmente para o português seria “pensamento anelante” (pensamento desejoso ou ansioso); portanto, uma propensão emocional e cognitiva que se verifica em domínios que vão desde o futebol a política em que o que se prefere é justamente o que se espera que vença. Em termos simples, as pessoas tenderão sempre a pensar que o vencedor a sair das eleições será o seu candidato, mesmo perante informações ou previsões que indiquem o contrário.

---

<sup>1</sup> Por exemplo, no programa da Rádio Moçambique, Café da manhã do dia 16 de Outubro de 2014 os analistas convidados não tinham dúvidas com aquelas projecções de que o seu candidato era o vitorioso, mesmo não tendo sido apurados 10% das mesas de voto.

Ora, tais crenças não são necessariamente más porém, se avaliadas no cômputo da violência pós-eleitoral, os *wishful thinkers* são mais propensos à manipulação política que, no nosso caso, chegam a apoiar iniciativas estranhas à unidade nacional e a própria democracia. São igualmente os mesmos *wishful thinkers* que menos crêem em instituições democráticas e, no mesmo diapasão, descredibilizam-nas e desacreditam-nas.

Mas existe alguma teoria que propõe que os *wishful thinkers* podem reduzir significativamente a sua ânsia ou prejuízo em relação às suas expectativas eleitorais através da informação. Esta teoria estabelece que quanto mais as pessoas buscarem informações políticas de diversas fontes credíveis de informação menor é a incidência das suas expectativas sobre os seus candidatos preferidos. O problema porém é que estes *wishful thinkers* preferem se informar a partir de um determinado grupo de órgãos de informação, aumentando assim os seus preconceitos, a sua ânsia pré-eleitoral e a sua “certeza” em relação a vitória do seu candidato (Vide Elisa Babad e Eitan Yacobos 1993. *Wish and reality in voters prediction of election outcomes*, *Political Psychology*, 14, 1).

Gostaria a este ponto fazer alguma distinção de entre este vasto grupo de *wishful thinkers*. Na verdade, nem todos “*wishful thinkers*” se surpreendem com a derrota do seu partido ou candidato. Num outro artigo, Elisa Babad e Eitan Yacobos questionaram em 1995 se uma informação correcta poderia reduzir o *wishful thinking* nas previsões dos eleitores em relação aos seus candidatos (Can accurate knowledge reduce wishful thinking in voters predictions of elections outcomes? *The journal of psychology*, 129, 3, 1995). E eles encontraram uma correlação positiva em relação ao caso, fazendo com que duas categorias de eleitores fossem distinguidas: aqueles que esperam a derrota do seu candidato, os *expected losers* e aqueles que nunca esperam a derrota do seu candidato, os “*surprised losers*”, os que se surpreendem com a derrota.

Contrariamente aos *surprised losers*, os partidários ou apoiantes que esperam ou pelo menos aventam a derrota do seu candidato são mais tolerantes às instituições democráticas de tal sorte que mesmo lamentando da derrota, reconhecem os resultados e engajam-se em processos democráticos pós-eleitorais. Pelo contrário, os *surprised losers*, aqueles que se surpreendem com a derrota dos seus candidatos seriam muito mais críticos em relação as instituições democráticas e ao processo eleitoral no todo.

Achei esta explicação interessante e fascinante na medida em que explica em parte porque é que um grande número de seguidores dos candidatos derrotados acredita piamente que o grande e único responsável pela derrota dos seus candidatos foi a fraude eleitoral, orquestrada pelos órgãos de administração eleitoral dominados pelos membros da Frelimo. Todavia, a análise aos acórdãos do Conselho Constitucional aos recursos submetidos pelos partidos da oposição desde 1994 mostra uma prática não alterada ao longo dos últimos vinte anos em relação aos procedimentos impugnatórios. E no recente acórdão, os partidos da oposição foram de novo acusados de não terem obedecido o princípio da impugnação prévia, condição principal para que o recurso tivesse provimento

Na verdade, os “*surprised losers*” não se dão ao tempo de analisar a derrota dos seus partidários como uma conjugação contingente entre as irregularidades do sistema de administração eleitoral e o grau de organização política e logística dos seus partidos.

Em 1962, William H. Riker um cientista político americano escreveu em “Political Theory” uma das suas obras em que lança uma análise sistemática sobre os partidos políticos perdedores, ou aqueles candidatos e partidos que perdem em eleições. E, disse algo que até hoje, a nossa política doméstica não leva em conta. Naquela obra, Riker disse: “a dinâmica da política reside nos perdedores. São eles que decidem sobre se vale a pena lutar, quando e como prosseguir com a luta política. Os vencedores, pelo facto de terem vencido, não estão muito interessados nem motivados em operarem mudanças bruscas. Mas os perdedores são perdedores. E pelo facto de não terem ganho não terão nada a não ser que continuem a lutar para proporcionar novas realidades políticas”.

A afirmação do exposto acima remete-nos à uma crítica interna dos níveis das organizações políticas perdedoras para aferir o grau de organização eleitoral, empreitada a que os “surprised losers” recusam-se de fazer.

### **PARA CONCLUIR**

Tentei mostrar o nexó entre os wishful thinkers, a manipulação política para a violência e a satisfação para com a democracia e suas instituições democráticas face aos resultados eleitorais.

Disse que os eleitores surpreendidos com a derrota dos seus candidatos tendem a desacreditar as instituições democráticas e as próprias eleições. Estes “surprised losers” são também susceptíveis a manipulações políticas que podem descambar em violência, pois adoptam e endossam posições que podem por em perigo o normal funcionamento das instituições democráticas. Está na origem desta atitude o seu apego fanático e acríticas as expectativas eleitorais menos avaliadas que depois se revelam uma desilusão completa.

Contrariamente a estes, os “expected losers”, aqueles que, mesmo apoiando um candidato não descartavam a possibilidade de uma derrota, são mais tolerantes às instituições democráticas, apesar da desilusão.

A diferença entre os dois tipos de perdedores reside, entre outros, na qualidade da informação que detêm sobre os outros candidatos, na qualidade de informação a que se expõem durante o período eleitoral bem como na sua capacidade de compreender “o mundo exterior face as imagens que as suas cabeças criam e alimentam” (Hong Tien; Lei Guo e Maxwell E. McCombs, 2014. Exploring “the world outside and the pictures in our heads. A network agenda-setting study. Journalism and Mass Communication Quarterly vol 1. Nr 4)

Por fim, e baseando-me em William Ricker, propus a ideia segundo a qual, a democracia avança com os partidos da oposição. Se estes não se aplicarem para criar “novas realidades políticas”, os partidos vencedores pouco podem avançar ou mudar. O aperfeiçoamento da democracia reside em última análise nos partidos políticos da posição, na sua capacidade de fazer oposição.

Novas realidades políticas apenas são possíveis com novas estratégias, novos métodos de trabalho, nova visão política.